

**OUTROS SERTÕES NAS TELAS DO SUDESTE E DISTRITO FEDERAL**  
**OTHER SERTÕES ON THE SCREENS IN THE SOUTHEAST AND FEDERAL DISTRICT**  
**OTROS SERTÕES EN LAS PANTALLAS EN EL SURESTE Y EL DISTRITO FEDERAL**

*Fabíola Moura Reis Santos*  
[fabiolamsantos@hotmail.com](mailto:fabiolamsantos@hotmail.com)

Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - Uneb. Doutoranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - Uneb. Professora da Universidade do Estado da Bahia.

*Ernani Machado de Freitas Lins Neto*  
[ernani.linsneto@univasf.edu.br](mailto:ernani.linsneto@univasf.edu.br)  
Doutor em Biotecnologia

Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf. Docente do Programa de pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcoH da Universidade do Estado da Bahia- Uneb.

*Iluska Maria da Silva Coutinho*  
[iluska.coutinho@ufjf.br](mailto:iluska.coutinho@ufjf.br)

Pós-doutora em Comunicação. Professora no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e do PPGCOM-UFJF. Coordena o grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA).

## **RESUMO**

Esse estudo investigou se e como as emissoras educativas de televisão exibem os saberes contextualizados sobre os territórios semiáridos e as populações locais, a partir das matérias e programas produzidos pela TV Caatinga, TV via web da Universidade Federal do Vale do São Francisco. O estudo se estruturou a partir da pesquisa documental que investigou os arquivos de conteúdos produzidos pela TV Caatinga veiculados em rede nacional, de março de 2014 a dezembro de 2020, por três emissoras do Sudeste e Centro-Oeste do país. Para avaliar e comparar o conteúdo veiculado com a versão original, utilizou-se a análise da materialidade audiovisual e a etnopesquisa contrastiva. Como resultado, observou-se que 89,33% do conteúdo jornalístico publicado manteve

a proposta de representação contextualizada com o Semiárido, o que colabora para a disseminação do conhecimento sobre esses territórios.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Educação. Ecologia Humana.

## ABSTRACT

This study investigated whether and how educational television broadcasters display contextualized knowledge about semi-arid territories and local populations, based on materials and programs produced by TV Caatinga, web TV of the Universidade Federal do Vale do São Francisco. The study was structured from documentary research that investigated the archives of content produced by TV Caatinga broadcasted on a national network, from March 2014 to December 2020, by three broadcasters from the Southeast and Midwest of the country. To evaluate and compare the content broadcast with the original version, we used the analysis of audiovisual materiality and contrastive ethno-research. As a result, it was observed that in 89.33% of the published journalistic content, the proposal of representation contextualized with the Semi-arid region was maintained, which contributes to the dissemination of knowledge about these territories.

**Keywords:** Television journalism. Education. Human Ecology.

## RESUMEN

Este estudio investigó si y cómo las televisoras educativas exhiben conocimiento contextualizado sobre los territorios semiáridos y las poblaciones locales, a partir de las historias y programas producidos por TV Caatinga, web TV de la Universidade Federal do Vale do São Francisco. El estudio se estructuró a partir de una investigación documental acerca de los archivos de contenidos producidos por TV Caatinga emitidos en cadena nacional, desde marzo de 2014 a diciembre de 2020, por tres emisoras del Sureste y Centro-Oeste del país. Para evaluar y comparar el contenido emitido con la versión original, se llevó a cabo análisis de la materialidad audiovisual y a la etnoinvestigación contrastiva. Como resultado, se observó que el 89,33% de los contenidos periodísticos publicados mantuvieron la propuesta de representación contextualizada del Semiárido, lo que contribuye a la difusión del conocimiento sobre estos territorios.

**Palabras clave:** Teleperiodismo. Educación. Ecología Humana.

## INTRODUÇÃO

Quando uma narrativa ganha os holofotes da mídia, um “senso comum” se prolifera com o aval de quem define como deveremos ver o mundo. Pode ser sobre um assunto, uma pessoa, um lugar. Não importa se é verdade, meia-verdade ou pura distorção da realidade, se a narrativa em questão é conveniente e dá audiência, ela vai ser consolidada e reproduzida indefinitivamente até outra narrativa (mais eficiente) “emplacar”.

Os estudos da Ecologia das Mídias buscam explicitar as especificações “implícitas e informais” no ambiente midiático, caracterizado como “um sistema de mensagens complexo que impõe aos seres humanos certas maneiras de pensar, sentir e se comportar” (STRATE; BRAGA; LEVINSON, 2019, p. 19). Um poder que atribui papéis, que define o que vai ser dito, visto e o que é permitido ou não fazer.

Direto das redações, quem decide o que pautar e como pautar se baseia numa audiência presumida (VIZEU, 2005), numa ideia intuitiva do público. E ao eleger que tipo de notícia é importante, o jornalista “serve-se mais de sua opinião sobre os assuntos do que de dados específicos” (VIZEU, 2005, p. 75). Um mundo autorreferencial em que a primeira preocupação dos jornalistas é com a opinião dos próprios colegas, um público interno que serve como controle social da redação, conforme destaca o autor.

Ao reestruturar a fórmula criada por Lasswel como princípio metodológico para os estudos em comunicação, Williams inclui a intenção e todo o real processo social e cultural no questionamento: “quem diz o quê, como, para quem, com qual efeito e com que propósito?” (WILLIAMS, 2016, p. 130). Intencionalidades nem sempre explícitas, mas que determinam narrativas.

Wardle e Derakhshan (2017) propõem uma nova estrutura conceitual para examinar o que chamaram de desordem informacional composta pela desinformação, informação incorreta e má-informação. A desinformação

acontece quando informações falsas são deliberadamente compartilhadas para causar danos. A informação incorreta ocorre quando informações falsas são compartilhadas, mas nenhum dano é intencional. Por sua vez, a má-informação caracteriza-se quando informações verdadeiras e muitas vezes privadas, são compartilhadas para causar danos. Essa classificação considera ainda o binômio falsidade e intenção de dano, as três fases dessa desordem (criação, produção e distribuição), além do agente, a mensagem e o intérprete, observando que quem produz determinado conteúdo não é necessariamente quem o distribui.

A partir dessa reflexão sobre informação e narrativas ancoradas no real, como princípio ético do Jornalismo, sugere-se no artigo pensar nas representações do Semiárido brasileiro (SAB), que é formado por 1.262 municípios de 10 estados do Nordeste e Sudeste do país, nas telas de emissoras de televisão. O objetivo foi averiguar se e como essa mídia está se apropriando e ressignificando o conteúdo sobre esses territórios em sua programação.

De maneira geral, o que predomina na narrativa sobre o Semiárido é o desconhecimento sobre especificidades geográficas, climáticas, históricas, culturais e econômicas que dão lugar a uma representação dramática, estereotipada e vazia. Em vez de dados, fatos e apuração, temos a reprodução do mesmo modelo midiático teatralizado sobre uma região inóspita e miserável.

Escolhas editoriais que são decisivas na transmissão da informação pelo jornalista, podem ou não recortar, desconfigurar e distorcer totalmente o conteúdo. Desta forma, podem contribuir tanto para a disseminação do conhecimento por meio da comunicação completa e ampliada, como interferir de tal forma a disseminar o equívoco, causando estragos incomensuráveis.

A narrativa sobre o Semiárido baseada na distorção vem se perpetuando desde a virada do século XIX para o século XX, como constatou Ribeiro (1999) em artigos publicados com relatos sobre a seca em jornais do Centro-Sul, além

do jornal O Povo, de Fortaleza - CE, entre 1992 e 1994. Ele observou nos textos recorrentes abordagens sobre pobreza e fome, miséria, êxodo rural e clientelismo político.

Nesse recorte midiático, o Semiárido ainda carrega o estigma da região-problema e da inviabilidade, constantemente reforçado sempre que esses territórios são a pauta. Num olhar mais abrangente sobre o Nordeste, Albuquerque Júnior (1999) destaca que as reportagens sobre essa região são feitas para reafirmar uma imagem já estabelecida, construída para o Sudeste e Sul do país.

Mas há quem paute o Semiárido de forma diferente. Desde 2014, a TV Caatinga<sup>1</sup>, TV via *web* da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf, produz, publica e envia conteúdos contextualizados com o Semiárido para emissoras parceiras em algumas regiões do país.

A exibição em emissoras de televisão de concessão educativa, sejam regionais ou nacionais, é possibilitada por meio de termos de cooperação técnica firmados entre as TVs, que preveem essa troca de conteúdos. Essa é uma forma encontrada pelas emissoras universitárias de aumentar o alcance de suas produções e não as limitar ao ambiente da Academia.

Além disso, graças à *internet*, instituições como as Universidades também disseminam sua produção audiovisual no ambiente digital, permitindo que o público fora do universo acadêmico tenha acesso a uma abordagem baseada na vocação educativa das instituições de ensino superior.

No caso da TV Caatinga, esses conteúdos, programas e reportagens, também são elaborados a partir de um olhar educativo mais abrangente e mais próximo da realidade do SAB, sem estereótipos e distorções, considerando todas as especificidades desses territórios, proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido brasileiro – JCSAB (SANTOS, 2018).

---

<sup>1</sup> Acesso em: <https://rtvcaatinga.univasf.edu.br/>

Dessa forma, a exibição contínua de conteúdos contextualizados com esses territórios em emissoras de televisão sediadas em outras regiões do país, como o Sudeste e Centro-Oeste, e que se configuram como emanadoras de um discurso “oficial”, contribui para uma mudança de paradigma sobre a representação do Semiárido brasileiro e de seu povo, pois provoca o olhar sobre esses territórios de forma mais diversa e mais próxima da realidade. Uma ação que também colabora para a disseminação do conhecimento sobre os referidos territórios.

Para averiguar tal hipótese, esse estudo investigou se e de que forma os jornalistas das emissoras educativas de televisão no Sudeste e Centro-Oeste exibem os saberes contextualizados sobre os territórios semiáridos e suas sociedades, a partir de matérias e programas produzidos pela TV Caatinga. Um percurso que constatou que a mudança de paradigma na representação do Semiárido na mídia passa inevitavelmente por conhecer, comunicar e transformar em múltiplas, as histórias contadas sobre esses territórios.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo se estruturou a partir da pesquisa documental que investigou os arquivos de conteúdos produzidos pela TV Caatinga, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, exibidos em rede nacional em três emissoras de televisão sediadas no Sudeste e Centro-Oeste.

O conteúdo foi avaliado por meio da análise da materialidade audiovisual (COUTINHO, 2016). A etnopesquisa contrastiva (MACEDO, 2018) foi utilizada de forma transversal em todo o estudo para a reflexão analítica dos dados encontrados.

**Primeira etapa: organização dos arquivos, elaboração de ficha de análise e registro dos conteúdos**

Analisou-se os relatórios de exibição dos conteúdos da TV Caatinga publicizados em três emissoras parceiras da *webtv* universitária sediadas no Sudeste e Distrito Federal, na região Centro-Oeste: Canal Futura, TV Cultura e TV Brasil, respectivamente. O critério de seleção das emissoras foi o tempo de parceria com a TV Caatinga (que se mantém desde 2014) e serem TVs de alcance nacional.

Foram avaliados os conteúdos publicados por cada emissora e registrados no relatório da TV universitária, desde a primeira veiculação em rede nacional, em março de 2014 (Canal Futura), até dezembro de 2020. Não foram considerados todos os conteúdos enviados pela TV Caatinga, apenas os exibidos em rede nacional ao longo de sete anos.

O relatório de exibição foi disponibilizado pela própria TV Caatinga, mediante autorização. Os dados coletados no documento foram registrados por conteúdo em uma ficha de análise com 10 itens, elaborada para este estudo. São eles:

1. Retranca/título;
2. Emissora;
3. Data;
4. Programa;
5. Disponível na *internet* ou arquivo do centro de documentação (parceira);
6. Cabeça<sup>2</sup> e/ou descrição no *site*;
7. Formato do conteúdo (matéria, *stand-up*, entrevista, giro, apenas imagens/sonoras);
8. Duração do conteúdo;
9. Alterações do conteúdo e
10. Editoria.

As informações registradas na ficha referentes ao texto de apresentação do produto e ao conteúdo exibido foram comparadas com o material original

---

<sup>2</sup> Jargão do telejornalismo, sendo chamado de cabeça o texto narrado pelo apresentador do telejornal ou programa televisivo para anunciar o conteúdo que será exibido a seguir.

produzido pela TV universitária da Univasf. A ficha de análise incluiu ainda se cada produção sofreu algum tipo de distorção e/ou alteração.

Porém, nem todos os conteúdos registrados no relatório de exibição da TV Caatinga tinham o *link* da publicação, por isso foi necessário inicialmente uma busca na *internet* para tentar resgatar esse material e, posteriormente, solicitar às próprias emissoras os arquivos não encontrados.

Não foi possível recuperar os conteúdos em sua totalidade nas bases de dados dos centros de documentação das emissoras. Todavia isso não comprometeu a pesquisa, pois a amostra analisada, 178 matérias exibidas (79,82%), superou a porcentagem do material não avaliado, 45 reportagens não localizadas (20,18%).

### **Segunda etapa: análise da materialidade audiovisual**

A análise estruturou-se a partir da comparação entre o conteúdo original produzido pela TV Caatinga, disponibilizado em seu *site*, e o material exibido nas emissoras parceiras, resgatado e organizado na primeira etapa.

Para guiar a comparação, cada conteúdo foi assistido e analisado, individualmente, a partir dos elementos elencados na ficha de análise, como título da matéria, data de exibição, programa veiculado, cabeça e/ou descrição no *site* da emissora parceira, duração do vídeo e editoria, além da avaliação do audiovisual propriamente dito. Essas informações foram registradas junto com os mesmos dados do conteúdo original da TV Caatinga, que foi acessado no *site*, para possibilitar a análise contrastiva.

O objetivo foi observar se o conteúdo original, desde a cabeça à matéria em si, sofreu algum tipo de modificação de tempo e/ou sentido que ocasionasse



a distorção da proposta de abordagem contextualizada com o Semiário brasileiro (SANTOS, 2018).

Aqui cabe ressaltar que os conteúdos da TV Caatinga se caracterizam pelo aprofundamento das temáticas de forma educativa, o que resulta em reportagens e entrevistas mais longas que o tempo praticado no telejornalismo. Dessa forma, era esperado que grande parte dos conteúdos sofresse redução de tempo para se adequar à duração do programa da emissora parceira. Por isso surgiu a necessidade de sistematizar um protocolo para diferenciar o que foi só alteração pela redução do tempo, do que foi propriamente distorcido. Isso foi utilizado especificamente na análise das matérias, excluindo-se nesse momento as cabeças.

Para fazer essa diferenciação, quando a redução do conteúdo original ultrapassou um minuto de duração, pontuou-se que elementos e informações (sonoras<sup>3</sup>, *off*<sup>4</sup>, *sobe som*<sup>5</sup>) foram retirados da matéria. Se a redução do tempo alterou a representação contextualizada com o SAB do conteúdo original, a transmissão da informação foi considerada distorcida. Para quantificar o nível de distorção, quando a mudança no sentido foi de até 50% do texto da cabeça e/ou do conteúdo exibido, a distorção do produto foi considerada parcial. Se as mudanças de sentido ultrapassaram a marca de 50%, o produto foi classificado como totalmente distorcido.

A avaliação dos conteúdos se baseou na análise da materialidade audiovisual, um método que permite a elaboração de estudos científicos sobre o jornalismo televisivo que utiliza a unidade texto+som+imagem+tempo+edição como objeto de avaliação, “sem perder de perspectiva suas especificidades

---

<sup>3</sup> Depoimentos inseridos dentro da matéria.

<sup>4</sup> Texto narrado pelo(a) repórter.

<sup>5</sup> Elevação de trilha sonora ou som ambiente no conteúdo audiovisual.

como produto e experiência social” (COUTINHO, 2016, p. 2). Essa metodologia se caracteriza pela possibilidade de adaptação de categorias de análise que se adequem ao produto audiovisual estudado. Em outra etapa do estudo, os conteúdos veiculados pelas TVs também foram comparados entre si, já que a TV Caatinga oferece a mesma reportagem para várias emissoras de forma simultânea (SANTOS; NETO; COUTINHO, 2022).

A etnopesquisa contrastiva perpassou por todas essas etapas, confrontando “sentidos e significados como dispositivo de objetivação multiexperencial e transingular” (MACEDO, 2018, p. 90). Uma pesquisa que buscou uma intercrítica generativa baseada, conforme orienta o autor, numa interpretação formada pelo “encontro entre opiniões, pontos de vista e definições de situações”.

A seguir, apresenta-se os dados apurados e analisados em cada uma das três emissoras, assim como as reflexões produzidas a partir do estudo dos conteúdos da TV Caatinga exibidos por elas em rede nacional.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **O Semiárido na tela do Canal Futura**

O Canal Futura é uma emissora de televisão de concessão educativa da Fundação Roberto Marinho, que opera no Brasil desde 1997. A parceria entre Futura e TV Caatinga começou em 2014, com a exibição da primeira matéria na edição do Jornal da Futura, do dia 13 de março. Com a extinção do referido jornal em dezembro de 2016, a TV universitária da Univasf passou a contribuir com o envio de matérias, sugestão de temas e fontes para o programa Conexão, antigo Conexão Futura. Desde o início da parceria, a TV Caatinga enviou conteúdos para o Jornal Futura e o Conexão Futura, assim como durante um ano teve o

programa Viva Caatinga! exibido na programação da emissora sediada no Rio de Janeiro. As emissoras realizaram ainda parcerias de coprodução, a exemplo dos programas Sou Forró (2017) e Sou São João (2019).

Excetuando-se as coproduções e o programa Viva Caatinga!, foram exibidos 125 conteúdos jornalísticos da TV Caatinga no período verificado de 2014 a 2020. Do total exibido, 16 matérias (12,8%) da TV Caatinga veiculadas pelo Canal Futura não puderam ser verificadas porque o *link* do conteúdo não foi localizado ou disponibilizado na *internet*, embora a exibição tenha sido registrada nos relatórios da TV universitária da Univasf.

Na verificação dos 109 (87,20%) conteúdos da TV Caatinga exibidos pelo Futura, entre matérias e entrevistas, observou-se 14 editorias. A de Educação predominou, com 25 produções; seguida pelas editorias de Meio ambiente e de Cultura, com 21 conteúdos; a de Pesquisa teve 11 conteúdos exibidos e Convivência com o Semiárido e Saúde, seis cada uma. Outras editorias registradas foram Educação Ambiental (5), Ecoturismo e Turismo (4); Agricultura (3); Culinária (2); Esportes (2); Políticas públicas (1); Cidades (1) e Agroecologia (1).

Essa diversidade de editorias (14) nos conteúdos enviados pela TV Caatinga e selecionados pelo Futura para exibição, demonstra uma abordagem diversa sobre os territórios semiáridos, com pautas que não se limitam ao aspecto clima ou natureza. Uma representação em equilíbrio com a contemporaneidade, que contribui para a produção de outros sentidos e narrativas sobre o SAB.

A temática Educação, mais pautada nesse levantamento, teve muitos conteúdos solicitados pelo próprio Canal Futura, que investe nessa editoria. Entre as matérias produzidas a pedido da emissora, está uma sobre a oferta do ensino médio integral em escolas do estado de Pernambuco (2016). A TV

Caatinga pautou o tema em rede nacional, a partir de Petrolina, como exemplo desse formato de ensino. As reportagens saíram na íntegra no canal, sem redução de tempo, quando se tratou de projetos em parceria com a Fundação Roberto Marinho, como o Travessia (matéria em 2015), de correção de fluxo escolar, implantado em Pernambuco.

Este estudo também comparou o conteúdo enviado pela TV universitária da Univasf com a versão exibida pelo Futura, considerando o conjunto cabeça e matéria. Quando as edições do Jornal Futura passaram a ser temáticas, um dos programas abordou o tema “poesia no século XXI” e a TV Caatinga contribuiu com uma matéria sobre o repente e suas influências sobre o *rap* no Vale do São Francisco (2015). Ao anunciar a matéria, toda a parte da influência do repente no *rap*, abordada na cabeça da TV da Univasf, foi cortada, retirando o enfoque da contemporaneidade e urbanidade do Semiárido. Além disso, o texto do apresentador comete um erro geográfico ao localizar a região como Vale do Pajeú, em vez de Vale do São Francisco. E num reforço ao imaginário rural, o repente é mencionado como forma de “sobrevivência intelectual e financeira de muitos repentistas”, em mais uma associação à subsistência do sertanejo, agora também em suas faculdades mentais. O repentista não é encarado aqui como um artista, mas como um sobrevivente.

Da poesia marginal vamos agora para um dos inspiradores do movimento: a poesia do sertão. As cantorias com versos na hora, no momento, são marcas registradas do Nordeste e em especial na região sob influência do **Vale do Pajeú**. Essa criatividade é um combustível para a **sobrevivência intelectual e também financeira** de muitos repentistas. A reportagem é da TV Caatinga (CANAL FUTURA, 2015, grifo nosso).

Da mesma forma, a abordagem sobre os movimentos musicais produzidos sob a influência do repente no Vale do São Francisco foi retirada da versão exibida no Jornal Futura. Um recorte que publicizou apenas a

cultura considerada mais “tradicional” e rural do Semiárido. Esse corte de 34,3% do conteúdo original, mais a condução realizada na cabeça que excluiu um trecho da abordagem da matéria, comprometeram a representação contextualizada com o SAB em mais de 50%, o que representa uma distorção total da proposta inicial. Achados que tem correlação com o que autores descrevem ao abordar a Ecologia das Mídias no que se refere a como os meios de comunicação afetam a percepção, a compreensão, os sentimentos e os valores humanos (STRATE; BRAGA, LEVINSON; 2019).

Em outra ocasião, a TV Caatinga conseguiu pautar em rede nacional o sistema de fundo de pasto, um tema até então novo para a emissora parceira e que normalmente não tem espaço nos noticiários do país. Mas na matéria intitulada pelo canal de “As ameaças ao Fundo de Pasto do Semiárido nordestino” (2016), o Jornal Futura fez uma redução de 49,69% do tempo da reportagem especial, já que a versão original tinha 10’54” (dez minutos e cinquenta e quatro segundos) de duração. A versão exibida ficou com 5’29” (cinco minutos e vinte e nove segundos). Isso significou um corte de dados numéricos, referências históricas sobre o tema e sonoras, inclusive com a posição governamental sobre a regularização fundiária das terras de fundo de pasto na Bahia, o que implicou em uma superficialização do conteúdo jornalístico, pela omissão de informações que abordariam o problema de forma mais completa. Observa-se ainda na cabeça, a utilização de termos muito associados ao sertanejo, como “subsistência”, palavra relacionada no texto de apresentação ao pastoreio, que na verdade é uma atividade econômica nessas comunidades.

Muita coisa mudou e continua mudando na região do semiárido nordestino. Mas determinados modos de vida **resistem bravamente**. O pastoreio, por exemplo, segue como base da **subsistência** de muita gente. E as comunidades, unidas por laços de compadrio e parentesco, ainda mantem áreas compartilhadas, conhecidas como fundos de pasto. Mas a dificuldade de reconhecimento fundiário oficial e a falta

de políticas públicas adequadas ameaçam o futuro das famílias que compõem as comunidades sertanejas de fundo de pasto. Reportagem da TV Caatinga (CANAL FUTURA, 2016, grifo nosso).

Neste caso, mesmo com a redução de tempo da reportagem, as mudanças de sentido no conjunto cabeça + matéria não ultrapassaram 50%, o que representa uma distorção parcial da proposta original.

Na reportagem que recebeu o título no Jornal Futura de “Barragens no Rio São Francisco causam impactos em espécies de peixes” (2015), a cabeça destacou o nível de 15% no armazenamento da barragem de Sobradinho-BA, para citar a repercussão na geração de energia, mobilidade e a “dura realidade” dos pescadores:

A barragem de Sobradinho, que é responsável por mais de 50% do abastecimento da região Nordeste, está com apenas 15% da capacidade. Esse número divulgado pelo ONS, o Operador Nacional do Sistema Elétrico, influencia em diversas questões, entre elas a energética, a mobilidade e também o sustento de muitas famílias. Na reportagem da TV Caatinga, de Petrolina, Pernambuco, você vai ver como essa **dura realidade** tem atingido em cheio os pescadores (CANAL FUTURA, 2015, grifo nosso).

Porém, além da matéria original abordar o impacto da construção de barragem na pesca, no bioma local e na atividade das comunidades ribeirinhas, também destacou a mudança social causada pela realocação de cidades inteiras:

A principal fonte de energia elétrica no Brasil é a hidráulica. No período em que grandes usinas hidrelétricas foram construídas, há cerca de quarenta anos, as exigências para preservação ambiental não eram as mesmas dos projetos atuais. Como consequência, essas construções causaram impactos na flora, fauna e no modo de vida de algumas populações (TV CAATINGA, 2015).

No entanto, na versão reduzida do Jornal Futura, foram retiradas a passagem da repórter e a sonora de uma fonte sobre o impacto da construção

de barragens na vida de centenas de pessoas que tiveram que abandonar suas casas para morar em outras regiões, muitas vezes sem água nem energia. Mudanças que comprometeram parcialmente a proposta contextualizada com o SAB.

Na matéria intitulada “Crise hídrica afeta tarifas de energia elétrica”, de 24 de março de 2016, o Jornal Futura mudou a abordagem da reportagem original na descrição publicada no *youtube* do canal. Essa alteração fica evidenciada ao compararmos o texto com a cabeça da matéria da TV Caatinga.

O sistema de bandeiras tarifárias aplica uma cobrança extra nas contas de luz quando fica mais caro produzir energia. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) estima que a troca da bandeira vermelha para amarela, em vigor no mês de março, vai gerar uma redução média de 3% no valor da tarifa de luz no Brasil. Esse barateamento pode chegar a 6% no mês de abril, quando a bandeira irá para verde e a cobrança extra vai ser suspensa. Esta é a primeira vez desde que o sistema de bandeiras entrou em vigor, em janeiro de 2015, que a bandeira sai do vermelho, cor que indica que o custo da produção de energia no país está muito alto. E a passagem para a bandeira amarela significa que a situação melhorou. No sertão baiano, há **três anos a escassez de chuvas vem comprometendo a geração de energia na região**. A reportagem que a gente acompanha agora é da TV Caatinga, de Petrolina (PE) (CANAL FUTURA, 2016, grifo nosso).

Em abril, a conta de energia deve ficar mais barata. Pelo menos essa é a promessa da Agência Nacional de Energia Elétrica, a ANEEL, já que as termelétricas, que geram energia mais cara, estão sendo desligadas. Com as chuvas do início do ano, houve um aumento nos reservatórios das hidrelétricas, o que pode baratear a conta do consumidor (TV CAATINGA, 2016).

Enquanto a chamada da reportagem original focou na queda na conta de energia pelo aumento do volume de água nos reservatórios (o fato novo que ocasionou a notícia), a descrição do Jornal Futura destacou a escassez de chuvas em anos anteriores, reforçando a “velha abordagem” das terras secas do sertão. Muito embora o título trate de crise hídrica, observa-se que quando o conteúdo é captado no Semiárido, o tratamento muda automaticamente para a

falta de chuvas, ainda que a informação esteja desatualizada, algo que inclusive vai de encontro à lógica da notícia jornalística de sempre trazer a novidade. A reportagem, que não foi alterada, faz uma longa introdução sobre produção e geração de energia, relembra a falta de chuvas dos últimos três anos, mas atualiza a informação com a expectativa do fim da bandeira vermelha na conta de energia graças às chuvas nos primeiros meses do ano de 2016. Mesmo assim, o destaque do Canal Futura foi a “notícia velha” da escassez de chuvas há três anos. Mais uma distorção parcial da proposta contextualizada com o SAB.

### **O sertão exibido pela TV Brasil**

A TV Brasil é uma TV pública nacional, sediada em Brasília - Distrito Federal, gerida pela Empresa Brasil de Comunicação – EBC. Criada em dezembro de 2007, a programação da emissora passou por uma reestruturação em 2019, quando foi fundida à TV Nacional do Brasil - NBR, antiga estatal da Presidência da República, que entrou no ar em 16 de junho de 1998. A parceria da TV Brasil com a TV Caatinga começou em 18 de julho de 2014, com a exibição de reportagens em programas como Repórter Brasil (tarde e noite), Fique Ligado, Programa Visual (voltado para o público com algum tipo de deficiência física), Paratodos e *Stadium*, programa esportivo da emissora. A TV Caatinga também contribuiu com a programação da NBR, a partir de 5 de julho de 2014, com os programas como Sou Sertão, Meu Ambiente, Viva Caatinga!, Entre um Café e uma Prosa, Sabores da Caatinga, Quero Ser e Sertão Saudável. Após a fusão entre TV Brasil e NBR, apenas reportagens da TV Caatinga continuaram sendo exibidas pela TV Brasil. Esse estudo concentrou-se na análise desses conteúdos jornalísticos publicizados em rede nacional.



Foram exibidas 83 matérias da TV Caatinga no período observado de 2014 a 2020. Do total exibido, 24 matérias (28,92%) da TV Caatinga veiculadas pela TV Brasil não puderam ser verificadas porque o *link* do conteúdo não foi localizado ou disponibilizado na *internet*, embora a exibição tenha sido registrada nos relatórios da TV universitária da Univasf. Porém, parte desse conteúdo não resgatado foi a reexibição de matérias em outras edições dos telejornais e/ou de programas da emissora. E, como se observou em casos verificados no estudo, as reexibições tenderam a utilizar o mesmo texto na cabeça e a versão (reduzida ou não) da matéria, com apenas uma exceção. Isso quer dizer que o conteúdo reexibido não verificado, foi analisado pelo menos uma vez com o *link* registrado no relatório. Durante a pesquisa, o setor responsável pelo arquivo da TV Brasil foi procurado para a busca dos conteúdos exibidos não localizados. Foi possível resgatar mais algumas reportagens, mas não em sua totalidade.

Ao analisar o conteúdo da TV universitária da Univasf localizado e exibido pela TV Brasil, um total de 59 matérias (71,08%), o primeiro elemento que observamos é a predominância da editoria de Meio Ambiente nas reportagens selecionadas. Foram 15 matérias ao longo do período estudado em que o tema foi pautado, com algumas associações a subtemas como extrativismo sustentável e convivência com o Semiárido (SANTOS; NETO; COUTINHO, 2021). Conteúdos que pautam a questão climática como algo natural, sem recorrer à narrativa da seca e da inviabilidade, e dão visibilidade às tecnologias de vivência nesses territórios de forma eco sustentável, considerando que cada região deve se desenvolver a partir da valorização das suas capacidades e especificidades locais e territoriais (SACHS, 2009). A segunda editoria que mais recebeu destaque nos conteúdos selecionados foi a de Cultura, com 14 matérias exibidas, seguida de Educação, com 11. Entre as reportagens da editoria de Educação, destacam-se duas que abordaram subtemas como o trabalho infantil (2018) e a intolerância religiosa com crianças que frequentam terreiros de

candomblé (2015). As reportagens priorizaram a condução informativa dos temas, esclarecendo os problemas de cada prática. Nos conteúdos selecionados para exibição na TV Brasil, aparecem ainda as editorias de Turismo, com seis matérias, uma delas abordando o ecoturismo; Empreendedorismo (4); Esportes (3); Pesquisa, com duas, como a reportagem de um estudo aplicado sobre agricultura familiar; Comportamento; Agricultura Orgânica; Saúde e Política (1, cada), com uma matéria sobre a cobertura das eleições para presidente e governador em Juazeiro-BA e Petrolina-PE, em 2014. Pode-se concluir que pela diversidade temática, a partir da quantidade de editorias variadas (11) e de subtemas, o conteúdo da TV Caatinga exibido pela TV Brasil abordou o Semiárido de uma forma mais ampla, dinâmica e contemporânea.

Esse estudo também comparou o conteúdo enviado pela TV universitária da Univasf com a versão exibida pela TV Brasil, considerando o conjunto cabeça e matéria. Logo no primeiro ano de parceria, a TV Brasil publicou duas séries da TV Caatinga, com três reportagens cada uma. Na primeira, sobre a palmeira do licuri (2014), espécie nativa do Semiárido, o texto das cabeças da emissora da EBC foi muito similar ao da TV universitária, preservando a proposta da versão original. Na série sobre a cidade baiana de Paulo Afonso (2014), que abordou o turismo e o esporte de aventura, a ênfase na cabeça de uma das matérias foi na casa da coiteira, no abrigo dos cangaceiros e no esconderijo de Lampião, focando no imaginário sobre cangaço como algo curioso, que chama a atenção e “dá audiência”. Na versão original, a cabeça destaca uma das principais rotas de Lampião em dois povoados do município, que se transformou em atração turística.

Em outros momentos observamos uma alteração parcial do sentido da produção original, mudança sempre realizada na cabeça editada pela TV Brasil. Parcial porque apesar da cabeça ter sido alterada, as matérias ou foram exibidas na íntegra, ou sofreram alterações de redução de tempo, sem comprometer a

abordagem contextualizada com o Semiárido da versão da TV Caatinga. Dois exemplos de distorção do sentido na cabeça ocorreram nas matérias sobre os 70 anos da música Asa Branca e a produção que abordou a preocupação dos rejeitos da barragem de Brumadinho chegarem ao rio São Francisco. O destaque para a seca e o estereótipo foram evidenciados antes da exibição da reportagem sobre a composição Asa Branca nas duas vezes em que foi publicada. A cabeça foi a mesma no Repórter Brasil Tarde e Repórter Brasil Noite:

**O drama da seca no sertão nordestino** transformado em música e poesia em um verdadeiro clássico da cultura popular brasileira. A canção Asa Branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira completa 70 anos e segue indispensável nas comemorações juninas de todo o país. Vamos ver na reportagem da TV Caatinga, de Pernambuco (TV BRASIL, 2017, grifo nosso).

Na matéria sobre o rio São Francisco, podemos comparar a diferença no destaque do texto que anuncia o conteúdo.

Embora o nível do lago de Sobradinho não seja o ideal, está satisfatório. A maior preocupação agora é com a possibilidade de os rejeitos da barragem em Brumadinho, em Minas Gerais, chegarem à Bacia do São Francisco (TV CAATINGA, 2019).

O rio Paraopeba, profundamente atingido por essa tragédia de Brumadinho, é um dos principais afluentes do Rio São Francisco. O medo agora é que o Velho Chico seja contaminado por metais pesados. Um **drama** a mais para um rio que já **sofre com a seca** (TV BRASIL, 2019, grifo nosso).

Na versão original, há uma provocação sobre o risco de contaminação. No texto modificado pela emissora parceira, que recorreu à adjetivação, a palavra drama e à frase “sofre com a seca”, reproduzem a história única da narrativa sobre o Semiárido e distorcem, parcialmente, a proposta original.

### **O Semiárido que a TV Cultura mostrou**

A TV Cultura é uma emissora de televisão de concessão educativa da Fundação Padre Anchieta. Sediada em São Paulo, capital, a Cultura entrou no

ar em 15 de junho de 1969 e desde 21 de setembro de 2016, por determinação da Anatel, opera em rede nacional com o sinal carregado obrigatoriamente pelas operadoras de televisão por assinatura. A parceria entre TV Cultura e TV Caatinga iniciou-se no dia quatro de outubro de 2014 com a exibição da primeira matéria no Jornal da Cultura.

No total registrado, foram exibidas 15 matérias da TV Caatinga no período de 2014 a 2020. Esses números refletem uma dificuldade de envio de *feedback* pela TV Cultura no sentido de comunicar se o material encaminhado foi exibido ou não. Além disso, a reedição constante dos conteúdos, alterando formatos e sentidos, desestimulou o envio de conteúdo pela TV universitária.

Um exemplo foi uma reportagem enviada em 2018 que comprometeu totalmente o sentido da versão original da TV Caatinga, distorcendo a matéria. Isso resultou em um desgaste e redução de envio de novos conteúdos, uma vez que a TV universitária não foi comunicada que o material solicitado seria, na verdade, alterado para outra temática totalmente diferente da inicial, a saber, a versão original era sobre uma rota turística na terra natal de Lampião e foi distorcida para pautar o que o Jornal da Cultura chamou de “novo cangaço”.

Do total exibido, 5 matérias (33,33%) publicadas pela Cultura não puderam ser verificadas porque o *link* do conteúdo não foi localizado ou disponibilizado na *internet*, apesar da publicação ter sido registrada no relatório da TV da Univasf. Também foi feito contato com a emissora e alguns conteúdos foram resgatados, porém de forma parcial, sem a cabeça narrada pelo apresentador.

Ao verificar o conteúdo da TV Caatinga localizado e exibido (um total de 10, 66,67%), registrou-se matérias nas editorias de Cultura, Economia, Esportes, Convivência com o Semiárido, Educação, Saúde, Cidades, Política, Polícia e Agricultura, com uma produção em cada abordagem. Embora o volume de

conteúdo seja pequeno, as 10 editorias revelam uma diversidade temática de abordagens do material produzido e selecionado para veiculação. Mas cabe destacar que houve uma total alteração de editoria no caso da matéria original de Turismo que virou conteúdo de Polícia.

O formato de alguns conteúdos também sofreu mudança, o que naturalmente comprometeu a abordagem e/ou as informações contidas, a exemplo da reportagem sobre tecnologias de captação e armazenamento da água da chuva para consumo e produção (2014), que entrou num resumo com outros estados do país, reduzida de 4 minutos e 31 segundos para um recorte de 41 segundos. Por outro lado, nesse mesmo giro nacional, a temática principal era a estiagem prolongada, sendo assim os estados participantes (MG, SP e GO) abordaram o que a baixa dos reservatórios estava revelando (carcaças de barcos e carros) e o prejuízo da baixa umidade para a saúde dos *pets*. A matéria da TV Caatinga foi a única do Nordeste nesse giro e, ao contrário dos outros conteúdos, destacou, de forma propositiva, o conhecimento no armazenamento de água da chuva no Semiárido.

Em uma participação a pedido da TV Cultura, o estagiário gravou *off* e passagem<sup>6</sup> na cobertura da primeira visita do então presidente Michel Temer ao Nordeste (2016), depois que assumiu o cargo. As imagens e o texto foram realizados pela emissora paulista e o pedido, de última hora, foi para que o repórter da TV Caatinga gravasse uma entrada em Petrolina-PE e narrasse o *off* da matéria. Porém o texto, encaminhado pronto pela TV Cultura, trazia o trecho: “[...] seguiu para Surubim, onde visitou a barragem de Jucazinho e anunciou a liberação de 53 milhões de reais destinados a realização de obras hídricas para **combater a seca** na região” (grifo nosso), reforçando a narrativa do “combate”

---

<sup>6</sup> Jargão no telejornalismo que corresponde ao momento em que o repórter aparece no vídeo durante a matéria dando alguma informação, olhando diretamente para a câmera.

ao clima, quando o termo já se encontra ultrapassado. Após essa matéria, a TV universitária passou 1 ano sem enviar conteúdo para a emissora.

Em dois casos, o Jornal da Cultura exibiu boas práticas pautadas pela TV Caatinga nas áreas de educação e saúde. Uma das reportagens mostrou a iniciativa de uma professora da zona rural de Petrolina-PE que usava novas tecnologias para realizar aulas de campo e deixar o aprendizado mais dinâmico (2015). Outro exemplo de giro pelo país abordou as medidas adotadas na pandemia da Covid-19 (2020). Entre os conteúdos, o resumo mostrou duas formaturas do curso de Medicina antecipadas para o reforço no atendimento dos doentes, uma no interior do Paraná e outra na Univasf, em Petrolina-PE. Porém, o texto foi fechado e narrado pela TV Cultura, sem recorrer a estereótipos, com informações, imagens e duas sonoras da TV Caatinga, e sem distorção da abordagem contextualizada.

Mas a situação mais emblemática foi a total desconfiguração de uma matéria que tratava da rota turística criada na cidade onde Lampião nasceu para contar a História do cangaceiro, conforme cabeça postada no *site* da TV Caatinga:

Um passeio pelas pegadas de Lampião em sua terra natal, Serra Talhada, no sertão pernambucano. Confira nesta reportagem a história do cangaceiro contada seguindo o trajeto desde o local onde aconteceu o primeiro ataque armado da vida de Virgulino Ferreira da Silva até a casa onde ele foi criado (TV CAATINGA, 2018).

A matéria reeditada e exibida no Jornal da Cultura anuncia o aniversário de morte de Lampião e seu bando e logo associa o grupo à “violência que persiste no interior do Nordeste”, chamada já a partir da cabeça de “novo cangaço”:

A morte do cangaceiro Lampião completa 80 anos agora em 2018. Lampião, Maria Bonita e o restante do bando, perderam a vida em um cerco da polícia no sertão de Sergipe, **mas a violência no interior do**

**Nordeste** resiste ao tempo e a região sofre hoje com a ação do chamado **novo cangaço** (TV CULTURA, 2018, grifo nosso).

A versão alterada começa com a pergunta “herói ou vilão?” e segue afirmando que “durante 20 anos, Lampião e seu bando aterrorizaram o sertão nordestino com saques, roubos e assassinatos. Mais de 100 mortes são atribuídas ao rei do cangaço”. Na matéria original, uma fonte esclarece que Lampião não teria sido considerado pela justiça como vítima de uma emboscada e que nenhum advogado quis defendê-lo contra uma “família rica e poderosa”. Essa entrevista, que explicaria o real motivo da entrada de Virgulino no cangaço, foi retirada da matéria da TV Cultura. Em vez disso, a entrevista (recortada da versão original) de uma fonte que afirma apenas o orgulho dos moradores de Serra Talhada de serem conterrâneos de Lampião, foi contestada pela fala do jornalista Moacir Assunção, que escreveu um livro sobre os inimigos do cangaceiro. Ele é categórico ao afirmar que Lampião foi um bandido. Nesse momento a matéria da TV Cultura segue um rumo completamente diferente, quando aborda que o chapéu usado pelos cangaceiros “virou um dos símbolos das tradições nordestinas”.

O chapéu é usado novamente no texto para fazer outra associação aparentemente sem sentido, quando o repórter da Cultura narra:

**Mesmo sem os cangaceiros de chapéu de couro**, cidades do Nordeste e de outras regiões do país enfrentam o que ‘tá’ sendo chamado de um novo cangaço. Bandos armados praticam assaltos e sequestros e usam a população como escudo (TV CULTURA, 2018, grifo nosso).

As imagens que ilustram o texto são de câmeras de segurança que mostram a ação de assaltantes. A matéria da TV Cultura termina com a fala do jornalista Moacir Assunção reforçando que “de certa forma esses grupos ‘eles’ agem como cangaceiros”. Ele continua sua explicação dizendo que a diferença

é que os criminosos não têm o carisma de Lampião e são ligados a traficantes de drogas, porém atuam em uma região semelhante a que os cangaceiros agiam. A reportagem reeditada teve uma duração de dois minutos e quarenta e sete segundos. Observa-se uma intencionalidade na modificação das informações para adequá-las à abordagem pretendida, ainda que isso tenha prejudicado o encaminhamento jornalístico da matéria, com associações incoerentes, descabidas e até fantasiosas. Ao que parece, a ressignificação distorcida já estava definida no momento da solicitação da matéria, talvez por isso mesmo a proposta não foi revelada em sua totalidade.

Após a exibição da reportagem alterada, o consultor político que dividia a bancada com o apresentador naquela noite, é convidado a comentar o assunto. Por quase 4 minutos, o convidado natural de Luís Gomes, no Rio Grande do Norte, conta a história pessoal da família e “causos” sobre a passagem de Lampião por sua cidade. O comentarista da noite terminou recitando um trecho de cordel e não fez nenhuma menção à matéria em si ou ao tema evidenciado do “novo cangaço”.

Aqui volta-se a refletir com Williams (2016, p. 138-139) sobre a televisão, vista como a intenção e, ao mesmo tempo, o efeito de uma ordem social particular. O autor nos lembra de que todas as tecnologias são desenvolvidas e aprimoradas para auxiliar nas práticas humanas conhecidas, previstas e desejadas. No entanto, a intenção original corresponde às práticas de um grupo social específico. São as intenções econômicas, sociais e políticas desse grupo (ou grupos) que vão afetar diretamente o ritmo, a escala de desenvolvimento e os usos dessas tecnologias, ainda que usos e efeitos imprevistos também ocorram.

## **Contexto X Distorção**



Ao comparar a exibição das três emissoras, o Futura foi o canal que apresentou o maior volume de conteúdos da TV Universitária da Univasf em sua programação e o que mais aderiu à sua abordagem original. Dos conteúdos analisados da TV Caatinga veiculados pelo Futura, 100 (91,74%) preservaram a proposta contextualizada com o Semiárido, 8 distorceram parcialmente e 1 totalmente.

Na TV Brasil, das 59 matérias exibidas que foram avaliadas, num total de 83 registradas no relatório da TV Caatinga, 5 distorceram parcialmente em suas cabeças a proposta da versão original, porém os sentidos abordados nas reportagens foram mantidos, ainda que o tempo de algumas tenha sido reduzido para se adequar ao telejornal e/ou programa onde o conteúdo foi publicado. Porém em 54 conteúdos analisados (91,53%), a TV Brasil preservou a abordagem contextualizada com o Semiárido brasileiro nos conteúdos enviados pela TV Caatinga, tanto na cabeça quanto na matéria. Pela adesão ao conteúdo contextualizado com o SAB na programação jornalística observada na análise, pode-se concluir que os profissionais responsáveis pela seleção dos conteúdos para exibição na TV Brasil tenderam, majoritariamente, a reproduzir essa proposta de abordagem.

Dos conteúdos verificados da TV Caatinga exibidos pela TV Cultura, observa-se uma relação de 50% entre a preservação da abordagem contextualizada com o Semiárido (5) e algum tipo de distorção, seja parcial (4) ou total (1). A emissora foi a que mais apresentou desconhecimento e mais retratou o Semiárido de forma estereotipada, uma vez que metade das matérias verificadas foram distorcidas, de forma parcial ou total, com relação a abordagem do conteúdo original. Também é evidente a constante reedição da versão original, muitas vezes alterando totalmente o formato do produto, que deixa de ser uma matéria para ser um trecho de segundos em um giro de vários estados,

uma participação numa reportagem especial nacional ou até mesmo uma desconfiguração completa da matéria, para apenas imagens e sonoras.

Mas o comprometimento do conteúdo se torna total quando além da editoria original ser alterada para uma retratação pejorativa, a reportagem é desfigurada, com trechos originais e inseridos pela emissora parceira, para atender (e até forçar) a narrativa pretendida. Isso tudo sem sequer comunicar o objetivo real da pauta e dar aos autores do conteúdo original, a opção de enviar o material para veiculação ou não. Isso nos leva ao seguinte questionamento ético: até que ponto o fato e o conteúdo podem ser manipulados e ter o sentido original alterado apenas para se adequar a uma abordagem definida na reunião de pauta?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que começou a parceria de exibição de conteúdos com o Canal Futura, TV Brasil e TV Cultura, a TV Caatinga publicou 223 conteúdos jornalísticos em rede nacional, entre matérias, entrevistas, *stand-ups* e outros formatos, de março de 2014 a dezembro de 2020, de acordo com os registros em seus relatórios anuais. Do total, esse estudo conseguiu resgatar e avaliar 178 conteúdos, comparando a versão exibida com a original, produzida pela TV universitária da Univasf. Isso significa que cada produto foi visto pelo menos duas vezes durante a verificação, dobrando esse número minimamente.

Ainda que nem todas as matérias veiculadas em rede nacional tenham sido resgatadas, foi possível reunir uma amostra de conteúdos exibidos superior a 50% nas três emissoras parceiras da TV Caatinga. O fato de 45 matérias não terem sido analisadas, uma vez que o conteúdo não foi disponibilizado na *internet* ou encontrado nos arquivos das emissoras de televisão estudadas,

resulta de alguns fatores. A dificuldade de retorno das TVs sobre a veiculação ou não do material enviado e a limitação em manter um arquivo atualizado de suas exibições, demonstram uma fragilidade na comunicação e na relação de parceria entre as emissoras e a TV universitária da Univasf. Um cenário agravado com o início da pandemia da Covid-19, em 2020. A equipe reduzida e a diminuição progressiva de recursos também contribuíram para que a produção de conteúdos pela TV Caatinga ficasse comprometida, assim como a priorização do acompanhamento e atualização de seus arquivos de exibição de forma sistemática.

Do que foi avaliado, os conteúdos foram classificados em 20 editorias, com predominância em temas de Educação, Meio Ambiente e Cultura. Este número revela uma variedade na abordagem do Semiárido, como orienta o JCSAB, pautando temáticas diversas como turismo e ecoturismo, educação ambiental, saúde, pesquisa, esportes, entre outras. Em 159 produtos exibidos e avaliados (89,33% do total), a abordagem original foi preservada, o que demonstra que a proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido encontrou adesão na maioria das publicações em rede nacional. Ainda que essas matérias tenham sofrido alteração de tempo para se adequarem à duração dos programas, não houve distorção de sentido na representação dos territórios semiáridos conforme o conteúdo original.

Porém, registrou-se que em outros 17 conteúdos houve a distorção parcial dessa representação, seja na cabeça ou no produto em si. No texto modificado, especialmente na cabeça, observou-se a insistência na utilização de termos e/ou expressões consolidados pela mídia na retratação do sertão brasileiro e de seu povo. Termos e/ou expressões que reforçam caricaturas e o imaginário negativo da inviabilidade desses territórios.

Em dois casos, o conteúdo inicial foi totalmente distorcido, comprometendo a proposta educativa do JCSAB de representação desses territórios mais próxima de suas realidades e baseada em fatos - apurados e checados. Nas duas matérias, observa-se que as mudanças foram realizadas de forma deliberada. Na primeira, foi retirada tanto da cabeça quanto do conteúdo, a abordagem dos movimentos musicais contemporâneos influenciados por ritmos tradicionais. A reedição do Canal Futura optou por um recorte que reforçou a imagem rural e “congelada no tempo” de um Semiárido que não se move. No segundo caso, a mudança do conteúdo foi tão radical que alterou até a editoria da matéria original. A reportagem que divulgava uma rota turística e histórica na cidade natal de Lampião, promovendo as viabilidades dos territórios semiáridos, se transformou numa matéria pejorativa de polícia, cheia de “remendos” para impor a narrativa pretendida pela TV Cultura. Da cabeça ao comentário de bancada do telejornal, viu-se um conteúdo estereotipado e distorcido que se distancia do exercício jornalístico e da concessão educativa da emissora.

Embora em 10,67% dos conteúdos exibidos pelas TVs parceiras ainda se registre algum tipo de distorção, seja parcial ou total, da proposta educativa contextualizada com o Semiárido, o sentido original do material enviado pela TV Caatinga foi preservado na maioria da amostra, mesmo que as produções tenham sofrido alterações de tempo.

Sendo assim, a exibição contínua de conteúdos contextualizados com o SAB na programação de emissoras de televisão sediadas em outras regiões do país colabora para a disseminação do conhecimento sobre os referidos territórios, já que possibilita que formadores de opinião acessem outras narrativas, comuniquem e contribuam para transformar a representação do Semiárido na mídia e na sociedade. Conclusão que corrobora a proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido brasileiro, que orienta a veiculação

de conteúdo jornalístico sem distorções e mais próximo da realidade, baseado em apuração precisa, o que implica diretamente na forma como esses territórios e suas populações se veem e são vistos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

CANAL FUTURA. **As ameaças ao Fundo de Pasto do Semiárido nordestino**, Jornal Futura, Casa Nova-BA, fev., disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Ksl7P4Fc74>. Acesso em: set. 2020.

CANAL FUTURA. **Barragens no Rio São Francisco causam impactos em espécies de peixes**, Jornal Futura, Sobradinho-BA, set., disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mplneqYoGxQ>. Acesso em: set. 2020.

CANAL FUTURA. **Crise hídrica afeta tarifas de energia elétrica**, Jornal Futura, Sobradinho-BA, mar., disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=53s3bARRHW8>. Acesso em: set. 2020.

CANAL FUTURA. **Poesia do século XXI**, Jornal Futura (em 7'52"), Juazeiro-BA, ago., disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6YrGklrrhg4>. Acesso em: set. 2020.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2016. P. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf> Acesso em: 01 jan. 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisa contrastiva e estudos Multicascos**: da crítica à razão comparativa ao método contrastivo em ciências sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2018.

RIBEIRO, Rafael Winter. Seca e determinismo: a gênese do discurso do Semi-árido nordestino. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 22, p. 60-91, 1999. Disponível em: <https://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/view/1782>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SACHS, Ignacy; VIEIRA, Paulo (ORG). **Rumo à ecossocioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Fabíola Moura Reis. **O sertão que a TV não vê**: o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Teresina: EDUFPI, 2018.

SANTOS, Fabíola Moura Reis; NETO, Ernani M. F. Lins; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. As ecologias do Semiárido na tela da TV pública brasileira. Proceedings of the XXIV International Conference of the Society for Human Ecology (SHE) [online]. 2021, Online. **Anais...Juazeiro (BA)**. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xxivshe/412054-as-ecologias-do-semiarido-na-tela-da-tv-publica-brasileira/>. Acesso em 02 jan. 2023. DOI: 10.29327/xxivshe.412054

SANTOS, Fabíola Moura Reis; NETO, Ernani M. F. Lins; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. Do fato ao relato: os processos de reedição na narrativa sobre o Semiárido no telejornalismo. **Revista ABTU**, nº 9, p. 04-14, 2022. Disponível em: [https://www.abtu.org.br/files/ugd/cdee4f\\_f3af7edd22c244beba59f643b1de6518.pdf](https://www.abtu.org.br/files/ugd/cdee4f_f3af7edd22c244beba59f643b1de6518.pdf). Acesso em 02 jan. 2023.

STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSON, Paul. **Introdução à Ecologia das Mídias**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Edições Loyola, 2019.

TV BRASIL. **Brumadinho**: Velho Chico também pode ser contaminado por metais pesados, Repórter Brasil, Petrolina-PE, abr., disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2019/02/brumadinho-velho-chico-tambem-pode-ser-contaminado-por-metais-pesados>. Acesso em: dez. 2020.

TV BRASIL. **Música asa branca completa 70 anos**, Repórter Brasil Tarde, Petrolina-PE, jun., disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/node/114240>. Acesso em: nov. 2020.

TV CAATINGA. **Brumadinho**: possibilidade de contaminação do Velho Chico preocupa, Jornalismo, Petrolina-PE, fev., disponível em: <https://rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/KSNYooOz2is>. Acesso em: dez. 2020.

TV CAATINGA. **Comunidades tradicionais de fundo de pasto**, Jornalismo, Casa Nova-BA, abr., disponível em:

[https://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/6q8cnP\\_FHo4](https://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/6q8cnP_FHo4). Acesso em: set. 2020.

TV CAATINGA. **Conta de energia deve ficar mais barata**, Jornalismo, Sobradinho-BA, mar., disponível em: <https://rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/pABj3-UDzCc>. Acesso em: set. 2020.

TV CAATINGA. **Meu ambiente impactos de barragens na pesca**, Meu ambiente, Sobradinho - BA, out., disponível em: <https://rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/LPE7M1YVNcl>. Acesso em: set. 2020.

TV CAATINGA. **Passeio proporciona caminhar nas pegadas de Lampião**, Jornalismo, Serra Talhada-PE, fev., disponível em: <https://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/pOD8Nd-Pe3k>. Acesso em: fev. 2021.

TV CAATINGA. **Tradição do repente e suas influências no rap**, Jornalismo, Juazeiro-BA, set., disponível em: [https://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/XxFIAYxs\\_E8](https://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/XxFIAYxs_E8). Acesso em: set. 2020.

TV CULTURA. **Morte de Lampião e novo cangaço** (sem descrição no *site*, por volta de 36'46"), Jornal da Cultura, São Paulo-SP, fev., disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M0FJ3nRQRag>. Acesso em: fev. 2021.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: ago. 2022.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Trad. Márcio Serelle; Mário F. I. Viggiano. 1ª ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, PUCMinas, 2016.